

O drama da estaticidade

A encenação de Alain Ollivier programa uma experiência teatral essencialmente formal e declamativa.

Rui Pina Coelho

O Marinheiro

De Fernando Pessoa. Encenação: Alain Ollivier. Com Cecília Laranjeira, Maria Frade, Teresa Gafeira.

Almada. Teatro Municipal de Almada. Av. Professor Egas Moniz. Até 18/05. 5ª, 6ª e Sáb, às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 212739360. 8€ a 11€ (sujeitos a descontos).



Num momento em que o teatro já abdicou de todos os constrangimentos da narrativa (inclusive de tópicos, de um objectivo), o regresso ao drama estático de Fernando Pessoa reveste-se de grande actualidade performativa. Estático é o drama "cujo enredo dramático não constitui acção - isto é, onde as figuras não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer têm sentidos capazes de produzir uma acção; onde não há conflito, nem perfeito enredo. Dir-se-á que isto não é teatro", escrevia o poeta, em 1913.

Diríamos hoje que esta concepção do texto teatral está em sintonia com algumas das propostas de superação do modelo dramático (Lehmann) ou de reinvenção do mesmo (Sarrazac). Contudo, a encenação de Alain Ollivier programa uma experiência teatral essencialmente formal e declamativa (o que não é necessariamente mau, se não fosse aqui privada de eficácia comunicativa).

As três mulheres/vozes que, sentadas, velam uma donzela (aqui evocativa das representações

românticas da Ofélia shakespeariana), aparecem figuradas com máscaras e toucas - que evocam as toucas isabelinas - (e de belo efeito, diga-se). Estas veladoras são apenas distinguidas pelos traços fisionómicos de cada uma das actrizes. Cecília Laranjeira, Maria Frade e Teresa Gafeira são rigorosas e precisas, mas a opção por não individualizar cada uma das vozes atira o espectáculo para um registo bastante monocórdico. Sentadas lado a lado, numa implantação devedora de Beckett, na semi-penumbra, iluminadas à luz de duas velas, jogam o texto de Pessoa com lentidão e suspensão: é certo que isto impele o espectador para um registo onírico e introspectivo; mas é também certo que olvida a tessitura do texto, deixando-o assim escravo de um conceito que empurra o espectáculo para uma experiência teatral bastante difícil e previsível.